

ESTUDO DE CASOS

Foram descritos três casos clínicos, cujo trabalho psicoterapêutico ocorreu no SPA da PUC-Rio, entre os anos de 2006 e 2008. Os mesmos ilustram diferentes queixas e problemáticas familiares no período de entrevistas, assim como, o trabalho de avaliação com famílias e suas vicissitudes. Nestes três atendimentos, aplicou-se a técnica Arte-Diagnóstico Familiar – ADF (Kwiatkowska, 1975), com a finalidade de ampliar o diagnóstico e a elucidação dos conteúdos encobertos. O material gráfico, desta técnica projetiva, foi utilizado como recurso complementar para apresentação de dados adicionais e para a discussão do material clínico.

Na investigação dos casos visou-se, por meio de relatórios constantes dos arquivos do Serviço de Psicologia Aplicada – SPA da PUC-Rio, analisar o início do processo psicoterapêutico familiar. O objetivo era investigar o trabalho de avaliação sobre as motivações familiares para pedir ajuda psicoterapêutica. Focalizou-se a análise, deste período de entrevistas preliminares, no movimento de passagem da queixa manifesta, centrada no paciente identificado ou em um determinado sintoma, para a questão familiar latente, compartilhada inconscientemente por todos os membros do grupo, e suas implicações na consolidação do tratamento familiar. A esta questão latente denominou-se de demanda familiar compartilhada, compreendendo-a como o motivo inconsciente, pertencente à realidade psíquica familiar, cujo trabalho de reflexão conjunta acredita-se que auxilia na implicação do grupo ao tratamento.

Partiu-se do pressuposto de que o grupo familiar é responsável por sua dinâmica interacional e pela manutenção de seu funcionamento, estando todos os membros interdependentes neste infinito processo de construção e reconstrução do sistema. No entanto, num primeiro momento, o que se apresenta nas entrevistas preliminares é a tentativa de denunciar alguém como responsável pela patologia familiar, isentando os demais de qualquer participação no intenso sofrimento conjunto. Cada membro familiar, portanto, apresenta inicialmente uma queixa diferente, mas ligada a retroalimentação da dinâmica familiar. Dessa forma, torna-se urgente o trabalho de investigação de elementos recorrentes e convergentes, para que as queixas individuais sejam aproximadas a partir da enunciação do denominador comum: as fantasias e dos conflitos intersíquicos.

Buscou-se analisar casos, em que o instrumento Arte-Diagnóstico Familiar – ADF (Kwiatkowska, 1975) fora aplicado para o desenvolvimento da avaliação familiar. Pois, considera-se este instrumento como um possível facilitador para a reflexão da questão conjunta. Os conteúdos dos desenhos foram analisados, a partir de referenciais teóricos pertinentes ao campo da psicoterapia de família e da análise de conteúdos gráficos, servindo como elementos complementares para a discussão dos dados clínicos.

A fundamentação teórica reúne contribuições tanto da abordagem psicanalítica quanto da sistêmica, partindo de uma perspectiva que propõe uma articulação entre estes dois enfoques, contrapondo-se ao argumento de antítese defendido por alguns autores da área de família. Apóia-se a viabilidade de síntese, na idéia de que ela seja mais pertinente para a eficácia de um tratamento clínico familiar.

O desenvolvimento do enfoque sistêmico embasa-se nos conceitos de homeostase, de retroalimentação e da pragmática da comunicação humana, desenvolvidos nos capítulos anteriores. O termo “sistema” foi usado para exprimir precisamente a idéia da especificidade do grupo familiar, envolvendo seu funcionamento próprio, o qual é organizado por leis e por linguagem próprias, além de ser marcado pela história das gerações anteriores e pelo ciclo de vida.

As contribuições da abordagem psicanalítica são, também, de extrema importância neste estudo, justamente por considerar a noção de inconsciente fundamental para o entendimento dos vínculos estabelecidos na família (Paiva, 2003). Ou seja, o funcionamento familiar é uma malha de comunicação inconsciente, marcada por processos psíquicos derivados de um aparelho psíquico compartilhado, que por sua vez é relativamente autônomo em relação aos sujeitos individualmente (Kaës, 1997). Diante disto, intervenções específicas são necessárias e devem ser embasadas pela escuta das fantasias inconscientes, e pelo entendimento dos mecanismos de defesa e de identificação (Lemaire, 2007). Apoiou-se na idéia de um denominador comum na família, composto pela colusão inconsciente das problemáticas individuais do casal fundador, evoluindo com o desenvolvimento dos filhos. Portanto, reforça-se que estas contribuições são fundamentais para o trabalho de decifração da metáfora sintomática do grupo.

5.1.

Sujeitos

Neste estudo, foram escolhidos três casos de psicoterapia de família supervisionados, cujas descrições das sessões constavam em relatórios¹ do arquivo da Equipe de família e casal do SPA, tendo sido atendidos em coterapia entre o ano de 2006 e de 2008. Para o desenvolvimento da investigação, foi focado o processo de avaliação dos casos, realizado entre quatro a oito sessões.

O critério de escolha dos casos baseou-se na aplicação do Arte-Diagnóstico Familiar como técnica de avaliação, cujo objetivo tenha sido entender a dinâmica inconsciente familiar e a explicitação dos conteúdos latentes. Outro critério utilizado foi existência de um material clínico completo, constado em relatórios bem desenvolvidos e descritivos sobre as sessões. Por fim, o último critério era a assinatura da família do Termo de Consentimento para a utilização do caso em ensino, pesquisa e publicação.

Uma das famílias apresentou a queixa centrada num sintoma familiar (um segredo). As outras duas famílias apresentaram a queixa inicial centrada no paciente identificado. Neste estudo a primeira foi denominada de *Família segredo*, cuja configuração familiar é formada por cinco membros, um casal heterossexual e três crianças. A segunda família, denominada de *Família enigma*, possui sua configuração familiar composta por quatro membros, um casal heterossexual e dois filhos adolescentes. Por fim, a terceira família foi denominada de *Família em luto*, com a configuração familiar formada por três membros, um casal heterossexual e um filho psicótico jovem adulto. Cada família procurou o SPA por motivações distintas, mas apenas duas aderiram ao tratamento psicoterapêutico – *Família enigma* e *Família em luto* – logo após a sessão de devolução.

5.2.

Material e procedimentos

Foram analisados os conteúdos descritos nos relatórios das entrevistas preliminares de cada caso, desde o período de triagem até a sessão de devolução,

¹ Em todos os casos deste Serviço, os psicoterapeutas obrigatoriamente devem fazer relatórios de cada sessão, desde a primeira entrevista até a última sessão.

assim como o relatório referente à sessão de aplicação do ADF. Os desenhos desta técnica, também, foram estudados com o objetivo de complementar o entendimento da trama familiar. A análise do material gráfico foi baseada nas formulações teóricas de Kwiatkowska (1978) e de outros autores que trabalharam com o instrumento.

Foi realizada avaliação sobre a queixa inicial, as expectativas com relação ao tratamento, os temas não-ditos e latentes que num segundo momento emergiram, e a implicação da família em relação a seus conflitos e ao tratamento. Buscou-se investigar se houve, ao longo do processo de avaliação, um reposicionamento intersubjetivo diante da problemática conjunta, a partir da enunciação das fantasias e dos conflitos encobertos.

A apresentação dos casos foi dividida em seis tópicos, os quais foram determinados pelos objetivos da pesquisa e para uma melhor explanação dos dados: (a) configuração familiar; (b) queixa inicial; (c) período de avaliação; (d) descrição do sistema; (e) sessão de aplicação do ADF; (f) sessão de devolução. A fim de ilustrar aspectos da dinâmica familiar e/ou fantasias compartilhadas, alguns desenhos do ADF considerados significativos foram expostos, sofrendo alterações digitais (quando necessárias), de modo que a identidade da família fosse preservada.

Cabe ressaltar, que na descrição de cada caso perpassam as reflexões e hipóteses, dos psicoterapeutas, que atenderam as famílias, decorrentes das principais questões discutidas nas sessões. Estas reflexões estavam presentes nos relatórios e contribuíram na investigação da dissertação, tendo em vista as limitações existentes em uma pesquisa sobre o trabalho clínico de terceiros; considerando que não se pode contar com a própria contratransferência, considerada como outro recurso (Arzeno, 1995), também importante, para a avaliação diagnóstica. Pode ser percebido que, ao longo da apresentação de cada caso, observações e pontuações foram feitas com o objetivo aludir a pontos significativos, ampliando as reflexões dos psicoterapeutas responsáveis e, consecutivamente, enriquecendo a discussão geral.

5.3.

Dados clínicos²

Família segredo

a) Configuração familiar

Esta família era composta por Pedro um homem de 37 anos, casado há mais de dez anos com Helena, uma mulher de 25 anos. Nesta família, o filho mais velho de Pedro de 12 anos, Daniel, nascido de seu primeiro casamento, era criado por parentes próximos, devido a sua conflituosa relação com Helena. Mas, apesar de não morar na casa do pai, convivia muito com este último e com os irmãos. O filho do meio, Pedro Filho, tinha 10 anos de idade e provinha de uma relação extraconjugal de Pedro, o segredo manifestado na queixa envolvia a origem deste filho. Por fim, o filho caçula de 6 anos, Renato, era filho biológico do casal Pedro e Helena.

b) Queixa inicial

A queixa inicial enfocava no pedido de ajuda para efetuar a revelação de um segredo relativo aos vínculos parentais com Pedro Filho, tendo em vista que o menino era apenas filho consanguíneo do Pedro, e não sabia “nada” sobre sua verdadeira origem. A manutenção deste segredo estava provocando desavenças entre os cônjuges, e entre a Helena e os filhos, gerando a sensação de enfraquecimento dos vínculos e o temor de desagregação familiar.

Pedro foi quem procurou o SPA, deixando seu telefone para que a Equipe de Família e Casal entrasse em contato. Já no telefonema, para marcar a primeira entrevista, mostrou-se apreensivo com a situação familiar e informou sobre o difícil temperamento da mulher. Ele mencionou sobre sua vontade de contar “o segredo”, principalmente, após a descoberta de seu filho Daniel ao ouvir uma discussão do casal sobre o assunto. Contudo, o pai não conseguia fazê-lo e procurava ajuda, temendo os efeitos da revelação do segredo, acreditando que a mulher, Helena, mantinha um tratamento diferenciado em relação a Pedro Filho.

² Em todos os casos descritos, os nomes foram substituídos, assim como alguns detalhes secundários a história também foram modificados, para que as identidades das famílias fossem preservadas.

c) Descrição do período de avaliação

O processo ocorreu em quatro sessões com um psicoterapeuta e um coterapeuta, durante o período de um mês e meio. Duas entrevistas preliminares foram realizadas, na terceira houve a aplicação do ADF, e na quarta sessão ocorreu a devolução de avaliação. Na primeira entrevista, contrariando a recomendação feita por telefone pelos psicoterapeutas para que comparecesse ao SPA somente o casal, Pedro e Helena apareceram com os três filhos. No entanto, ele sugeriu que deveria entrar no *setting* sozinho, pois tinha assuntos que não deveriam ser discutidos na frente da mulher. Esta situação desencadeou uma tensão familiar e envolveu os psicoterapeutas no conflito familiar de “inclusão/exclusão”. A posição dos psicoterapeutas para sair deste impasse, foi ressaltar a importância da presença de Helena e lembrar o “contrato” combinado ao telefone, para assim ser restabelecido o enquadre e realizar a sessão com o casal.

Na segunda entrevista, toda a família compareceu, respeitando o combinado. Foi observado que existiam mais segredos que permeavam a dinâmica familiar e que ameaçavam a constituição dos vínculos familiares. Na sessão seguinte aplicou-se o ADF, a partir do qual foram evidenciados mais claramente os conflitos encobertos vivenciados pelo grupo. Por fim, ocorreu a entrevista de devolução, na qual apenas Pedro estava presente, contrariando o planejado pelos psicoterapeutas, que esperavam a participação de todos.

d) Descrição do sistema

A história de origem de Pedro centra-se no fato de não ter conhecido seu pai, e nem ter convivido muito com sua mãe, posto que ela falecera quando ele tinha apenas oito anos de idade, deixando, além dele, seus outros três filhos órfãos. Pedro morou por um período com uma tia, e depois foi para um orfanato, onde viveu até seus 14 anos. Quanto a Helena, ela viveu com os pais e uma meia-irmã, proveniente do primeiro casamento de seu pai. Sentia-se preterida pela mãe e sofria muito com o tratamento recebido da mesma. Apesar de ela ser sua “*filha legítima*”, acreditava que sua mãe privilegiava e protegia mais sua meia-irmã, não tendo a mesma relação afetiva com as duas.

Os dois se conheceram, quando Helena era ainda adolescente, havendo uma diferença de idade significativa na época, pois ele já era um jovem adulto, com um filho recém nascido de seu primeiro casamento. O casal namorou por um período

curto de tempo, decidindo rapidamente morarem juntos. Após uma breve separação, fato contestado por Helena, Pedro teve um encontro com outra mulher, com a qual gerou Pedro Filho. Este processo de gravidez permaneceu encoberto durante as entrevistas, não ficando claro para os psicoterapeutas se era, ou não, resultado de uma traição. Nesta parte da história familiar os membros do casal não se entendiam com os fatos e discordavam entre si de maneira irritada.

Pedro afirmou ter revelado a Helena sobre a gravidez quando reataram, porém ela disse ter tomado conhecimento somente no dia do nascimento da criança. Segundo ela, ele a avisou somente quando estava a caminho da maternidade, chocando-a com a revelação. A mãe biológica de Pedro Filho, o entregou com um mês de nascido para o pai criar, mudando-se sem avisar seu destino. Desde este dia, nunca mais a encontraram, nem souberam notícias. Pedro, com medo de que a mãe biológica reaparecesse, providenciou a guarda definitiva do filho.

Helena queria contar para o filho socio-afetivo sobre a verdade de sua origem, mas o casal sempre adiava a revelação esperando o momento mais propício. E assim, passaram-se 10 anos sem revelar a “verdade”. O pai tinha o medo manifesto de que o filho se revoltasse contra Helena, embasando seu temor na crença de que sua mulher o tratava de modo diferenciado, punindo-o mais freqüentemente do que Renato, o filho biológico do casal. Pedro também sentia um forte sentimento de culpa, desencadeado por seu dilema de revelar ou ocultar o segredo, responsabilizando-se por este conflito.

A mulher discordava sobre a desigualdade alegada pelo marido, pois tinha criado o menino desde bebê e afirmava: “*não os trato sempre de forma diferente*”. Porém, temia que a “*mãe verdadeira*” dele aparecesse, querendo levá-lo embora. Ela também, ao contrário do marido, acreditava que de alguma maneira o filho já sabia alguma coisa sobre o segredo.

Outro ponto importante exposto foi o conflituoso relacionamento de Helena com Daniel, o filho mais velho de Pedro. No entanto, as razões dos intensos desentendimentos entre eles não eram faladas por ela, que evitava o assunto, justificando que: “*Esse é um assunto de casa*”. O pai apenas comentou que Daniel estava proibido de entrar em casa na sua ausência.

Os três irmãos demonstravam nas entrevistas um intenso entrosamento e muita cumplicidade. Conheciam e comentavam o que cada um gostava de fazer e

brincar no dia-a-dia. Era claramente perceptível, no aqui e agora do *setting*, a integração fraterna que relatavam. Observou-se que entre eles os afetos circulavam de forma lúdica e amistosa, contrariando os argumentos de Helena que supervalorizava as brigas entre eles, e sentia dificuldade em impor regras e limites.

A dinâmica geral da família girava em torno de uma rede de segredos sobrepostos, a partir de uma série de não-ditos que afetavam as interações e os vínculos familiares. Havia também a presença de subsistemas bem delimitados e que representava o jogo rígido de inclusão-exclusão, como Renato e o pai, que sempre se sentavam próximos e cochichavam na sessão. Pedro Filho sentava-se nas sessões ao lado de Helena, apresentando um comportamento retraído ao esconder, na maior parte do tempo, seu rosto com as mãos. Quanto a Daniel, ignorava a presença da madrasta, não falando com a mesma em nenhum momento do processo, tendo mostrado também ser um menino inteligente.

e) ADF

As posições ocupadas pelos familiares foram muito semelhantes às da segunda entrevista: Pedro Filho ao lado da mãe, o mais jovem ao lado do pai, e o mais velho próximo à porta. Esta configuração da ocupação do espaço físico apontava para as alianças e para as identificações familiares.

O pai recusou-se a realizar a tarefa após perguntar se somente as crianças desenhariam. Explicitou seu posicionamento de auto-exclusão dizendo: “*Tá bom crianças, fiquem a vontade que eu vou ficar aqui sentado, apreciando o desenho de vocês*”. O manejo técnico dos psicoterapeutas para lidar com esta situação, foi respeitar a decisão dele, mas ressaltando a importância de sua participação. Além disso, a cada finalização de tarefa, eles trocavam a folha em branco de Pedro, fazendo a partir deste gesto um novo convite não-verbal de inclusão.

Os outros membros da família se implicaram nas tarefas gráficas, permanecendo na maior parte do tempo calados, sem nem mesmo olharem espontaneamente para os desenhos dos demais. Quando incentivados pelos psicoterapeutas a comentarem sobre as criações de cada um, diziam monossilabicamente: “*legal*”, “*maneiro*”, “*gostei*”, “*bom*”, “*engraçado*”. O desenho da *Família abstrata* foi a tarefa, em que apresentaram mais dificuldades de compreensão.

Os desenhos de Helena, de modo geral, eram compostos por traços infantis, mas que indicavam afetividade intensa. Seus traços eram firmes, sem ser agressivos, havendo uma variedade no uso das cores. Seus conteúdos eram inteligíveis e integrados. Demorou mais do que os demais membros para a realização das tarefas e se restringiu a comentá-los somente quando incentivada pelos psicoterapeutas. Pedro Filho apresentou, de modo geral, traços fracos e conteúdos um pouco disformes. Os desenhos de Daniel foram criativos, mostrando plasticidade e riqueza no uso das cores. Também, apresentaram-se bem integrados, inteligíveis e com capacidade de abstração.

O filho mais novo, Renato, ao longo das tarefas foi quem mais falou e interagiu com todos. Falava muito com o irmão do meio, ora cochichando ora para todos ouvirem. Mostrava interesse nas criações dos demais, perguntando e questionando-as. Demonstrou sua forte aliança com o pai, ao pedir constantemente auxílio para a elaboração dos desenhos, parecendo incluí-lo na tarefa coletiva. Além disso, recorrentemente ressaltava, com seus comentários, a falta e a auto-exclusão do pai, perguntando de quem era a folha em branco, por exemplo.

- Primeiro *Desenho livre*

Helena fez uma paisagem rica, com uma enorme árvore cheia de frutos cercada por quatro flores. Pedro Filho desenhou um fantasma, de olhos vazados e com os braços sem mãos, chamado de “O menino maluquinho do espaço”. O *Desenho livre* de Daniel foi intitulado de “A estrela que me guia”, no qual fez uma estrela amarela, cuja forma lembrava a figura rosa-dos-ventos, a qual simboliza a somatória de todos os pontos cardeais. Renato desenvolveu um desenho colorido e criativo, no qual desenhou um triângulo preenchido de cores variadas, descrevendo-o como uma árvore de Natal.

Figura 1 - *Desenho livre*: Pedro FilhoFigura 2 - *Desenho livre*: Daniel

- Retrato da família

Helena se desenhava de forma infantil ao lado do marido, incluindo no desenho denominado “Minha família”, apenas Pedro Filho e Renato (Daniel foi excluído). No entanto, em dissociação com o desenho, quando fora explicá-lo para os outros falou: “Eu desenhei os meus quatro”. Pedro filho representou os cinco membros do grupo com uma estrutura corporal que lembrava também extraterrestres. Todos tinham a cabeça e os olhos grandes, com corpos pequenos e finos. A mãe era a única que parecia falar, cujo discurso estava representado dentro de um balão: “feliz a estrela”.

Daniel fez o pai, a mãe biológica, tios e primos, excluindo Helena do desenho, o qual chamou de “Minha família”. Renato teve dificuldade para entender se deveria se incluir a si mesmo no desenho, e por isso desenvolveu um extenso diálogo com o pai sobre a possibilidade de se incluir, ou não, no retrato. De alguma forma, ele enunciava a questão de inclusão/exclusão, possivelmente expressando o posicionamento ambivalente do pai na família. Como desenho, desta segunda tarefa, decidiu fazer um boneco, que disse ser seu pai. Nesta tarefa o jogo inclusão-exclusão ficou ainda mais claro, assim como os conflitos e alianças.



Figura 3 - Retrato da família: Helena

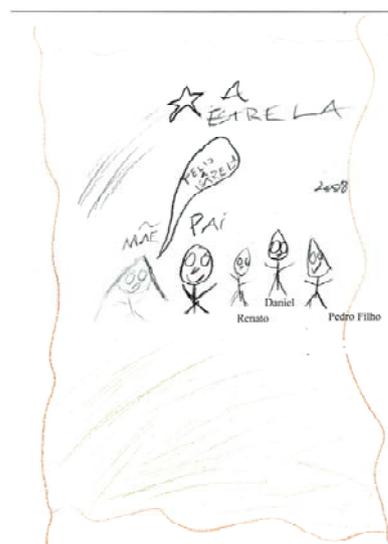


Figura 4 - Retrato da família: Pedro Filho

- Família abstrata

Helena desenhou seus sete cachorros e um enorme avião, dizendo que era para eles viajarem. Teve dificuldade em criar um título neste desenho, recebendo algumas sugestões dos filhos. Após certa demora, o intitulou de “Meus canis”. Este desenho foi o mais integrado de Pedro Filho, que representou a *Família Abstrata* como Helena – evidenciando sua forte vinculação com a “Mãe Coruja” (título do desenho). Desenhou-a de maneira colorida e sorridente, preenchendo todo o papel com sua figura. Os olhos de Helena são significantes, na medida em que são expressivos e preenchidos, diferentes dos olhos do fantasma “O menino maluquinho do espaço”.

Daniel representou sua mãe como se ela estivesse se apresentando, pois próximo a sua boca havia um balão com a frase: “Eu sou a R. mãe do Daniel”. Além disso, desenhou-a com traços muito fortes: no rosto seus traços são intensos e grandes, seu corpo vai até o busto, aparentando estar despida. Denominou este terceiro desenho de “My mãe”. Por meio do mesmo, ele manifestou seu vínculo com sua mãe biológica, que morava em cidade distante, mas com quem mantinha permanente contato por cartas ou por telefonemas.

Renato, nesta tarefa, novamente denunciou algum aspecto do pai, elegendo-o como única figura a ser desenhada e preocupando-se em representar os detalhes do rosto do pai, não sabendo, por exemplo, como desenhá-lo a parte branca interna do olho. “Eu queria desenhá-lo... eu queria desenhá-lo o rosto do meu pai... só que é

muito difícil...”. Parecia que desejava preencher o vazio, o branco do pai, da face de Pedro.



Figura 5 - Família abstrata: Pedro Filho



Figura 6 - Família abstrata: Renato

- Rabisco individual

Helena criou um arco-íris grande e colorido, com traços bem intensos. Pedro Filho fez um círculo e denominou-o de terra, também fez vários rabiscos em amarelo e em vermelho, mas com traços fracos. Sobre este desenho comentou: “já que eu fiz uma bola, aí eu fiz um rabisco assim, aí eu pensei é uma bola de fogo”. Intitulou o desenho de “Bola de fogo”, riscando a palavra “super” que estava escrita antes de bola.

Nesta quarta tarefa, Daniel desenvolveu um furacão, intitulado de “Furacão Catrina”, dizendo ter sido inspirado nos “... acontecimentos, né... os furacões...”. Renato desenhou um arco-íris e um ser que lembra o personagem Mickey Mouse da *Walt Disney*. Destaca-se, que a forma do arco-íris apareceu nos desenhos de Helena e de Pedro Filho, neste último, relatado como uma bola de fogo.



Figura 7 - *Rabisco individual*: Daniel



Figura 8 - *Rabisco individual*: Helena

- *Rabisco em conjunto*

O rabisco escolhido para fazerem o *Rabisco em conjunto*, por Pedro Filho e Daniel, foi desenvolvido pelo primeiro irmão. Também escolheram juntos qual seria o título, “A pipa mágica”. Helena participou timidamente na produção do desenho, incluindo detalhes que expressavam sua afetividade, como corações no canto da folha. Ela não conversou com Daniel, nem ele com ela, havendo uma negação mútua da presença um do outro.

Contudo, Renato apresentou um comportamento diferente daquele ativo e interessado que vinha tendo. Ficou impaciente e irritadiço, de repente, recusando-se a participar. Foi estimulado pelo pai a desenhar conjuntamente, mas apenas fez um rabisco e voltou a se sentar no sofá.

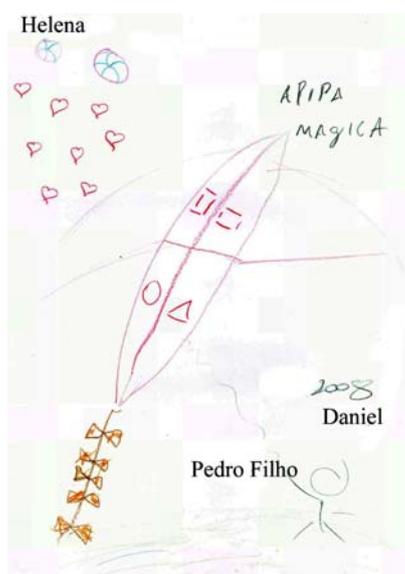


Figura 9 - *Rabisco em conjunto*

- Segundo *Desenho livre*

Nesta etapa Helena desenhou “Minha casa”, uma casa colorida que demonstra ter vida interna, ilustrada pela chaminé, mas que parecia estar enquadrada, a partir de duas retas paralelas nas extremidades da casa. Pedro Filho deu a seu desenho o título de “Os super molenga”, onde aparecem seres mal delimitados e diferentes, aludindo ao espaço sideral e a extraterrestres. Apesar da pouca inteligibilidade e integração do desenho, ele elaborou uma rica descrição do mesmo, relatando que “*Os super molenga*” eram superheróis bobões e que os tinha inventado.

Daniel desenhou um menino de corpo inteiro, com a boca aberta e sorridente, abaixo do lábio superior há apenas um dente preto e ao lado de seus pés também há uma bola. Este último *Desenho livre* foi chamado de “Eu tenho um dente só”. Por fim, a mudança de comportamento de Renato, na tarefa anterior, pôde ser ilustrada no último desenho, que em comparação com o primeiro *Desenho livre*, foi menos criativo e desenvolvido. Fez apenas uma pequena mão aberta e monocromática. Alegou ter escolhido este desenho, porque seu pai havia mandado.

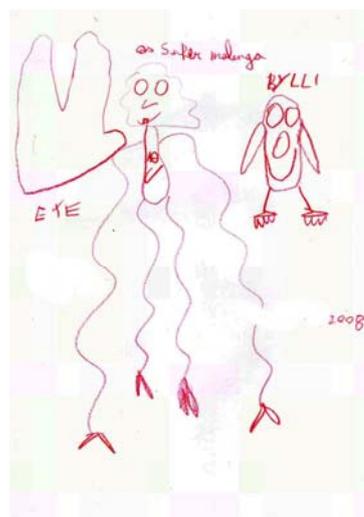


Figura 10 - Segundo *Desenho livre*: Helena Figura 11 - Segundo *Desenho livre*: Pedro F.

f) Devolução

Na sessão de devolução, como já foi mencionado, somente o pai compareceu. Pedro comentou que Helena recusou-se a vir e impediu os filhos de participarem, argumentando que psicólogo não iria resolver sua vida. Atitude da mulher que foi aceita por Pedro, quem na primeira entrevista mostrou-se centralizador e autoritário ao desejar entrar sozinho para a sessão. No relatório dos psicoterapeutas, eles enfatizaram que a época desta avaliação foi próxima ao encerramento das atividades acadêmicas da universidade. Houve uma interrupção entre a sessão de aplicação do ADF e a sessão de devolução de avaliação. Essa interrupção, somada às dificuldades familiares para agendar as sessões, constituíram-se como obstáculos no processo de avaliação familiar. Os psicoterapeutas consideraram a possibilidade de estes fatores terem comprometido a continuidade do tratamento, e intensificado a resistência familiar que já existia.

Na devolução, Pedro mostrou-se muito cansado e desanimado com a mulher, dizendo que a cada dia ela tratava pior o Daniel. Contou que ela não mudou em nada, pois continuava insultando o menino, e tratando-o diferentemente. Afirmou que o menino fazia reclamações dela, não sabendo mais o que fazer para ajudá-la. Falou do peso de guardar o segredo e prometeu revelá-lo no final de semana. “*Vou pegar o garoto, levá-lo para passear e contar, pois já não agüento mais*”. Justificou não ter feito isto antes, devido a sua falta de tempo.

Os psicoterapeutas buscaram atenuar o peso das fantasias de Pedro em torno da revelação do segredo, observando, também, que muitos dos medos estavam relacionados à projeção de conflitos da relação conjugal. Questionaram as representações simbólicas de Pedro sobre o que legitima “ser pai” e “ser mãe”. Valorizaram o investimento afetivo de Helena em Pedro Filho, acolhendo-o quando bebê, sendo representada por ele como “*mãe coruja*”. Trabalharam a supervalorização familiar dos laços consangüíneos, que conseqüentemente desqualificava a relação sócio-afetiva de mãe e filho.

Família enigma

a) Configuração familiar

Esta família era formada por Fernanda uma mulher de 48 anos, uma pessoa ativa na comunidade onde morava. Estava casada há 23 anos com Celso, um homem de 49 anos. Deste casamento, nasceram dois filhos, Hugo com 18 anos de idade e Amanda com 15 anos.

b) Queixa inicial

Fernanda procurou o SPA solicitando um atendimento com uma psicopedagoga para a filha, cuja indicação fora feita pela escola da mesma. Foi avisada, pela secretaria do serviço, que seria marcada uma entrevista com a equipe de psicoterapia de família e casal. Esta mãe buscou ajuda para a filha, que estava em uma psicoterapia individual, por ela apresentar problemas de aprendizagem. A queixa manifesta centrava-se no fato de Fernanda achar sua filha (Amanda) muito imatura, tendo problemas de relacionamento social na escola, e brincando com bonecas e com meninas mais novas do que ela.

c) Descrição do período de avaliação

O processo de avaliação familiar ocorreu em seis sessões, durante o período de um mês e meio, em coterapia. Foram realizadas três entrevistas preliminares, na quarta sessão foi aplicado o ADF, na quinta foi usado o instrumento de avaliação Entrevista Familiar Estruturada – EFE, cujos dados não serão descritos neste trabalho. E por fim, na sexta sessão houve a devolução de avaliação.

Na primeira entrevista compareceram apenas a mãe e a filha, justificaram a ausência de Celso por motivos de trabalho. Na maior parte do tempo, Fernanda queixou-se da filha, comentando sobre sua imaturidade e um possível diagnóstico de dislexia. Assunto este que não fora muito prolongado por ela. Correlacionou o início da dificuldade de Amanda para lidar com o crescimento, com a morte de um tio-avô materno de muita importância afetiva para Fernanda. A mãe se responsabiliza por isso, confessando não ter lidado bem com esta perda e passando seu sentimento para a filha. Na época, não considerou a idade da filha e lhe disse como desabafo: “*Nasce, cresce e morre*”.

A segunda entrevista ocorreu com Celso, Fernanda e Amanda. Nesta sessão o casal falou sobre as questões individuais de cada um dos cônjuges, não focando o discurso somente na filha. Fernanda mencionou fazer uso de medicamentos para dormir, sob orientação de um neurologista, porque sentia muitas dores de cabeça. Celso, por sua vez, revelou já ter feito psicoterapia, pois sentia “*fobia*” de tudo, não podendo nem mesmo passar dentro de um túnel. Sentiu-se muito melhor com o tratamento individual. O casal demonstrou interesse em fazer a terceira entrevista sem a filha, alegando que, assim, contariam sobre a infância de Amanda. Ela questionou o fato de não poder estar presente na próxima sessão, demonstrando sua insatisfação ao afirmar para eles de que não guardava segredos para os pais.

Portanto, a terceira entrevista foi realizada apenas com o casal, porque também havia um interesse dos psicoterapeutas em investigar as questões conjugais. Celso e Fernanda relataram sobre seus conflitos sexuais e um período de crise, desencadeado por uma relação extraconjugal do marido. Na entrevista seguinte foi aplicado o ADF, com todos os membros da família, a partir do qual se evidenciou a posição de enigma de Amanda, denunciando a presença de um enigma compartilhado e as alianças encobertas. A entrevista de devolução teve como objetivo enunciar para família a função ocupada por Amanda, na qual absorvia a problemática do casal e do irmão, havendo uma intensa cisão na família que impedia a circularidade de papéis no funcionamento familiar.

d) Descrição do sistema

O início da história do casal é descrito de forma tranqüila e harmônica. Os dois moravam na mesma comunidade, e Celso passara oito anos se sentindo atraído por Fernanda, mas como namorava nesta época, não se aproximou dela. Fernanda

nem reparava nele, não sabendo nem mesmo quem ele era, porém sua mãe o conhecia de vista, pois o encontrava no ônibus se beijando com as namoradas.

Eles ficaram noivos durante um tempo e depois se casaram.

Três anos após o nascimento de Amanda, “*Celso arrumou uma mulher*”. Fernanda se sentiu traída, pois haviam combinado que quando um quisesse ter uma relação extraconjugal deveria avisar ao outro, e ele não cumpriu o acordo. Sentia-se culpada por este fato passado, dizendo que 70% era sua responsabilidade. Contudo, mostrava dificuldade para aceitar o fato de ele ter se calado, mudando também seu comportamento. “*O pior era como ele me tratava. Ele me tratava muito mal.*” O posicionamento de Celso diante deste relato era de concordância e arrependimento, abraçando a mulher, quando esta se emocionava com a lembrança dos fatos.

Fernanda acreditava que a atitude do marido havia provocado uma abertura para ela também o trair. Destacou que o filho, com sete anos na época, presenciou o conflito conjugal. Hugo dizia ao pai para ele sair de casa se preferisse. Fernanda foi até a casa da amante para conhecê-la. Contudo, quando a viu, não se sentiu rejeitada, pois não a considerou uma mulher interessante, ela esperava que fosse “*coisa melhor*”. Arrumou as malas de Celso, a fim de que ele saísse de casa e se separassem, mas ele não saiu. No entanto, havia um desejo de Celso para se separar anterior a este fato, comentando-o com outras pessoas. O irmão de Fernanda foi quem lhe contou sobre os planos de Celso, revelando-lhe a confiança deste último de que ela era uma pessoa fria sexualmente.

O casal apresentava dificuldades sexuais após o nascimento dos filhos. Quando Celso manifestava ter desejo por Fernanda, ela não o queria, ficando até mesmo irritada quando ele a tocava, ou demonstrava seu desejo. Sugeriu algumas vezes para o marido arrumar outra pessoa para ter relações sexuais. Celso demonstrava insatisfação com a vida sexual do casal. Num determinado momento do processo, Fernanda revelou freqüentar a casa de um tio, quando pequena, que lhe acariciava os peitos. Ressaltou não saber se era fruto de sua imaginação, ou realidade, o fato de encontrar constantemente revistas pornográficas na cama de sua mãe.

O convívio familiar era conflituoso, porque Celso e Hugo brigavam muito, sendo agressivos e gritando um com o outro. Hugo era descrito, pelos demais membros do grupo, como uma pessoa chata, implicante e autoritária. Apesar disto,

Fernanda sempre intervinha a favor do filho nas brigas em família, fazendo chantagem para acabar com as discussões. “*Vão me levar para o hospital, tenho pressão alta*”. Celso tentava colocar limites para os filhos, mas sentia-se impotente com seu insucesso e excluído do lugar de “chefe” de família.

Amanda, também era descrita como briguenta, sua relação com o irmão não era amistosa. Contaram um episódio, no qual Hugo tentou enforcar a irmã num momento de raiva, se desculpando posteriormente. Celso só soube do fato durante as sessões, mostrando-se bastante contrariado por ninguém ter-lhe contado.

Outro aspecto significativo da dinâmica familiar, era a aparente insatisfação de todos, principalmente de Fernanda, diante de alguma atitude amadurecida de Amanda. Qualquer comportamento, que aludisse a uma individualidade ou independência de Amanda, era desqualificado. Quando ela manifestou sua pretensão em morar sozinha aos 25 anos, os pais ficaram mobilizados com a declaração. Sempre que falava do crescimento dos filhos, Fernanda chorava, possivelmente porque o crescimento representava a perda de controle dos filhos.

e) ADF

A localização das pessoas no setting revelou os subsistemas de maior tensão na interação e com questões no processo de identificação. Configurou-se da seguinte maneira: Celso ficou próximo a Hugo, e Fernanda próxima a Amanda. Todos se implicaram nas tarefas, demonstrando interesse na criação dos desenhos, e não apresentaram dificuldades na compreensão das orientações.

Celso, de modo geral, fez desenhos bem elaborados e integrados, mostrou capacidade criativa e afetividade. Seus traços eram fortes, e por vezes densos. Os desenhos de Fernanda mostraram-se integrados e coloridos, apresentou uma boa capacidade de abstração, mas sua criatividade foi diminuindo ao longo das tarefas.

Amanda descreveu pouco sobre seus desenhos, mantendo-os como enigmáticos, porque preferia que todos ficassem curiosos. A família também se mostrou pouco tolerante para entendê-los, questionando-os como incompreensíveis. Fernanda comentou que a filha sempre teve muita imaginação. Os desenhos foram empobrecidos para uma adolescente, mas significantes em suas mensagens abstratas. Já nas criações de Hugo, houve pouca elaboração e criatividade nos desenhos dele. Apesar de não terem sido questionados, seus

desenhos também se mostraram pouco inteligíveis e apresentaram aspectos enigmáticos.

- Primeiro *Desenho livre*

Celso denominou seu desenho de “Meu barco”, no qual há uma montanha alta encobrindo parte do sol e um pequeno barco no mar, coadjuvante nesta paisagem de mar, montanha e pássaros. Fernanda demonstrou estranhamento ao ver o barco do marido, questionando o motivo de tê-lo desenhado, já que seu sonho era ter um carro. Celso respondeu que não sabia o motivo, apenas desenhou o que havia no seu pensamento, mas que não era seu sonho. Refletiu que seu desenho, talvez representasse seus momentos de tristeza, nos quais gostava de estar sozinho, de fugir.

O *Desenho livre* de Fernanda foi intitulado de “Natureza / Vida”, o qual é composto por cinco flores coloridas ocupando um grande espaço da folha, além de pássaros e um sol. Amanda foi a primeira a começar a tarefa, fazendo um céu grosso e bem azul, com pequenas borboletas entre o céu e a terra. Ela denominou seu primeiro *Desenho livre* de “Noite das borboletas”. O *Desenho livre* Hugo é composto apenas por uma pequena moto feita com traços fortes, localizada no canto superior esquerdo da folha. Comentou que era seu sonho ter uma moto, pois todos os seus amigos tinham.



Figura 12 - Primeiro *Desenho livre*: Celso Figura 13 - Primeiro *Desenho livre*: Amanda

- *Retrato da família*

Celso fez o retrato dentro de um coração, sendo que ele e Hugo ocupavam as extremidades, estando Fernanda ao lado do marido e em seguida Amanda. Chama atenção a semelhança entre a estrutura corporal do pai e a do filho, cujo nome aparece escrito num tamanho maior do que o nome dos outros integrantes do grupo. O corpo da mãe parecia igualmente infantil ao da filha.

O desenho de Fernanda foi denominado de “Minha Vida”, representou-se entre o marido e o filho, identificando este último como de “Meu rei”. Amanda, desenhada ao lado de Hugo, foi descrita como “Minha princesa”. Os três animais de estimação também foram representados no desenho.

Amanda neste desenho fez vários membros da família, com estrutura corporal estereotipada, pois todos não possuíam os membros superiores e inferiores. Também não apresentavam expressão facial, pois seus rostos estavam em branco, parecendo sem vida, como fantasmas. Denominou seu trabalho gráfico de “Família grande de +”. O símbolo “+”, substituto da palavra demais, lembra uma cruz no desenho. Questionou se deveria colocar os olhos, mas acabou decidindo não fazê-los. Não quis se incluir, decisão que gerou comentários entre eles.

Devido a esta atitude de Amanda, Fernanda afirmou que a filha não se considerava da família, conclusão que a fez chorar. Amanda justificou sua atitude dizendo que não era uma auto-exclusão, apenas estava cansada. Hugo, em seu *Retrato da família*, desenvolveu as pessoas com traços densos. Tanto ele como o pai apresentam um objeto no ombro próximo ao pescoço, os quais foram descritos por ele como os bichos de estimação da família.



Figura 14 - Retrato da família: Fernanda



Figura 15 - Retrato da família: Amanda

- Família abstrata

Celso desenvolveu uma folha, na qual cada membro do grupo foi representado por uma subdivisão, diferentemente colorida, que compunha a folha como um todo. Escreveu ao lado da folha a frase “todos juntos”. O nome do filho aparece novamente diferenciado dos demais, desta vez por uma seta e foi representado pela cor preta, porque segundo Celso, Hugo é desobediente. Todos começaram a discutir depois do comentário de Celso, sobre uma briga ocorrida antes do início da sessão.

Nesta tarefa, Fernanda mostrou-se um pouco resistente e mobilizada. Recebendo o carinho do filho, ao chorar enquanto descrevia seu desenho. Disse que o coração representava Amanda, porque ela era um amor (em cima do coração desenhou duas mãos misturadas pelos dedos). Hugo era uma bola que não parava (escreveu embaixo da bola, novamente “meu rei” e ela era uma nuvem de lágrimas. Ela não explicou o objeto que representava o marido, um aparente bastão.

Nesta tarefa, parece que Amanda se expressou melhor, mostrando sua sensibilidade na percepção de aspectos da personalidade e dos conflitos internos de cada pessoa. Representou o pai como um coração dividido nas cores rosa e azul, possivelmente mostrando a tristeza que ele mencionou na primeira tarefa e sua afetividade. O irmão fora representado como um furacão, com o qual discutia muito e apresentava uma agressividade dissimulada. Fernanda apareceu como uma

flor, desenhada em traços fracos, possivelmente representando sua fragilidade. E por fim, desenhou a si mesma como uma sobreposição de um sol, uma lua e uma estrela, acompanhados por um ponto de interrogação. Comentou que não se entendia e que desconfiava ter múltipla personalidade: “... *ninguém sabe quem eu sou.*” Este desenho da Família Abstrata recebeu o título de “A lei oposta”, descrevendo-o como representante da diferença entre cada um deles.

Hugo intitulou seu trabalho gráfico de “Expressões”, seus símbolos parecem rabiscos incompreensíveis. Ele falou que a irmã era uma interrogação, sua mãe uma flor/coração. Seu pai apareceu como duas bocas, uma mostrando os dentes e a outra não. Ele se representou com um objeto que lembrava dois dentes pontiagudos, disse ter ouvido alguém contar que este símbolo representava alguém feliz, sorrindo de olhos fechados.

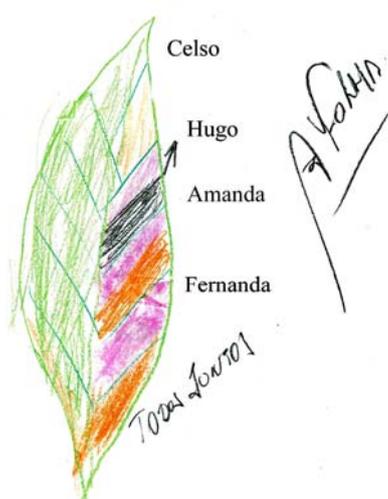


Figura 16 - Família abstrata: Celso

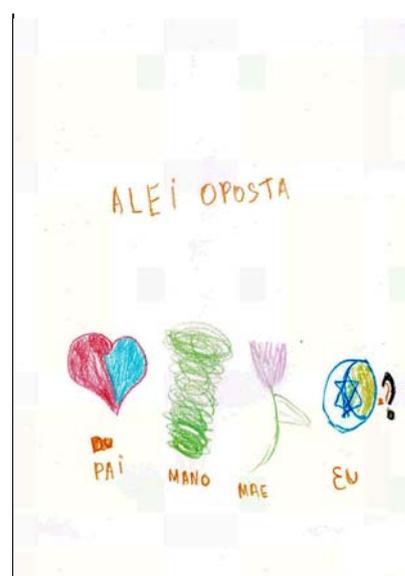


Figura 17 - Família abstrata: Amanda

- Rabisco individual

Celso fez uma pequena e solitária árvore monocromática, situada na parte superior da folha, intitulando-o de “A árvore”. Fernanda desenvolveu um círculo na cor rosa atravessado pelo dístico “Ordem e Progresso”, assim como oito estrelas da mesma cor rosa. Lembra parte da bandeira brasileira, chamando o desenho de “Mundo”. Fernanda comentou que o mundo precisava de ordem, progresso e paz, pois estava muito violento. As palavras aludem aos aspectos familiares, com os

quais tinha mais dificuldade para lidar com a divisão do poder com o marido, algumas vezes desqualificado por ela, e com o progresso dos filhos.

A partir do seu rabisco, Amanda fez uma pipa em forma de estrela, na qual as extremidades estavam enfeitadas por uma espécie de franja, não comentando nada sobre o mesmo. Hugo criou um rosto que lembrava uma máscara em diferentes dimensões, ao lado escreveu algo também incompreensível: “EEHH?”.

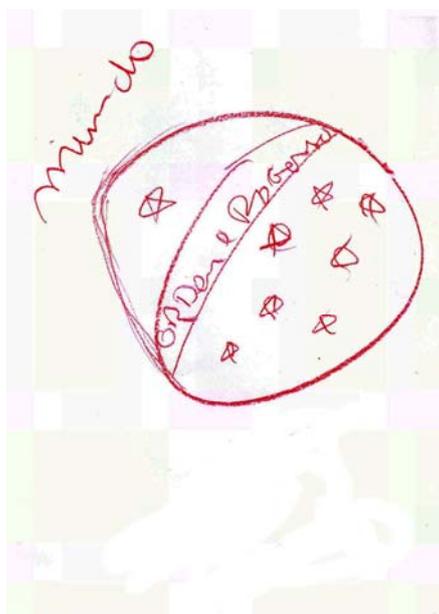


Figura 18 - *Rabisco individual*: Fernanda



Figura 19 - *Rabisco individual*: Hugo

- *Rabisco conjunto*

Foi criado a partir do rabisco de Fernanda, que foi escolhido por Celso e aceito por todos. Justificaram a escolha do rabisco de Fernanda, porque lembrava um chão sólido, e assim construíram a casa. A participação predominante foi de Hugo e de Celso, havendo necessidade de Fernanda e Amanda pedirem para desenhar. Mas, todos contribuíram na criação do desenho, intitulando-o de “nosso lar”, composto por uma paisagem, uma casa cercada de árvores, borboletas, pássaros, e dois cisnes de traços fracos e um mal delimitado. Hugo opinou que a letra do pai era feia e que gostava de morar com tranquilidade.

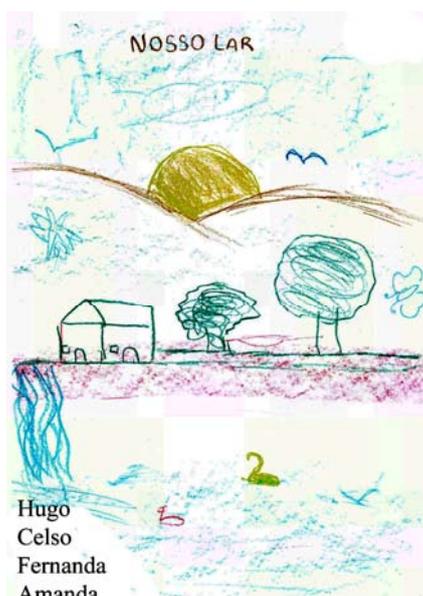


Figura 20 - *Rabisco conjunto*

- Segundo *Desenho livre*

Celso elaborou um coração preto grande e preenchido, comentando que o coração era tudo, era a família. Comparando o primeiro *Desenho livre* de Fernanda com seu último, este tem uma qualidade empobrecida, é monocromático e apresenta uma desorganização interna após o desenvolvimento da técnica. Ela fez uma casa preta, com uma janela, e fechada por uma porta com um ponto de interrogação do meio, representando a fechadura. Ao comentá-lo, enfatizou que sua casa precisava ser reformada. No título, “Minha casa”, errou a ortografia do pronome, ficando evidente sua correção, pois foi o único ponto colorido. Parece que o sintoma é incorporado por ela, antes identificado como o da filha – a dislexia (troca de letras). Portanto, depois do trabalho gráfico e dinâmico, apresentou uma evidente regressão.

Amanda criou um desenho denominado “4 Elementos”, no qual aparece um aspecto de limite (continente) e de integração, pois desenhou um círculo dividido em três partes coloridas, sendo que o superior do lado direito não estava preenchido, encontrava-se vazio de cor. No último desenho, Hugo fez um menino sem mãos e pés, expressando um possível pavor, no canto esquerdo superior da folha. Os olhos são vazios e grandes, sua boca mostrava os dentes, e os cabelos arrepiados. A mensagem do título, “Tranquilão”, parece dissociada da expressão do menino.

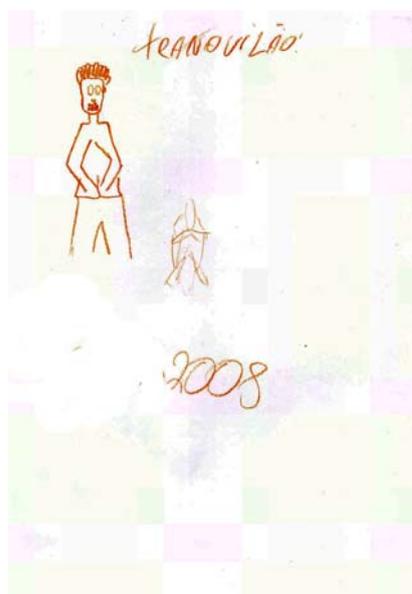


Figura 21 - Segundo *Desenho livre*: Fernanda Figura 22 - Segundo *Desenho livre*: Hugo

f) Devolução

Na sessão de devolução todos compareceram e mostraram-se interessados em refletir sobre o material do ADF. Os psicoterapeutas pontuaram o intenso mecanismo de cisão na família, ilustrado no fato de Amanda representar os aspectos destrutivos no discurso familiar e Hugo os aspectos positivos. E quando havia tentativa de integração, eles aniquilavam a possibilidade de diferenciação. Também, ressaltaram a identificação de Amanda com Fernanda, quem denunciava com suas atuações os conflitos da mãe.

A família concordou com as pontuações realizadas, mas apresentaram um comportamento passivo diante delas, não produzindo novas associações, nem procurando se aprofundar nas questões. Celso retomou, algumas vezes, o motivo inicial do pedido de ajuda, centrado no fato de Amanda necessitar de um trabalho psicopedagógico. Isto os levou a fazerem uma reflexão sobre a queixa inicial centrada em Amanda e perceberem o quanto estavam gostando daquele espaço em família, manifestando o desejo compartilhado de dar continuidade ao tratamento.

Família em luto

a) Configuração familiar

Esta família era composta por Pilar uma mulher de 50 anos, que se dedicava à vida doméstica. Seu marido Lúcio, com o qual estava casada há 23 anos, era um militar aposentado de 52 anos. Eles tiveram dois filhos, o mais velho era Tadeu com 21 anos de idade e o mais novo, Luiz, fazia quatro anos que havia falecido de câncer.

b) Queixa inicial

Pilar procurou o SPA, indicada pela psicopedagoga do colégio de Tadeu, quem os orientou a procurar uma psicoterapia de família. Sua queixa inicial centrava-se no comportamento violento e muito tímido de Tadeu. Devido a seu comportamento introspectivo, ele ficava muito tempo isolado em seu quarto, tendo medo de sair de casa; e quando voltava da rua trancava todas as janelas da casa. Os acessos de raiva são direcionados à mãe e, por isso, Pilar temia por sua segurança. Ele já foi capaz de jogar objetos pela janela do apartamento, como cadeiras e colchões. Tadeu era medicado com psicotrópicos receitados pelo psiquiatra, mas a dosagem ainda não conseguia evitar os acessos de fúria. Pilar solicitava a ajuda da equipe, pois estava muito preocupada, sem saber como agir com o filho.

c) Descrição do período de avaliação

O processo ocorreu em oito sessões com um psicoterapeuta e um coterapeuta, durante o período de dois meses e meio. Foi um período de avaliação extenso devido aos constantes atrasos da família para chegar ao SPA, prejudicando o tempo da sessão. Cinco entrevistas preliminares foram realizadas, antes da aplicação do ADF, e a devolução da avaliação ocorreu na sétima e na oitava sessão, devido à demanda da família para falar sobre os conteúdos originados nas tarefas do ADF.

Na primeira entrevista, quem compareceu a sessão foram Lúcio e Pilar. O casal relatou sobre o comportamento do filho, divergindo nas opiniões sobre as razões de ele ser tímido e agressivo, apresentando dificuldades no colégio, onde repetiu inúmeras vezes de série. Para a mãe, Tadeu piorou após a morte do irmão Luiz, e quando era contrariado, tinha os ataques de raiva. Ela já temia repreendê-lo, pois um dia a ameaçou com uma faca dizendo que a odiava. Lúcio pareceu

minimizar a seriedade destes conflitos, afirmando que a expressão de ódio do filho era decorrente da adolescência. Não concordava que Tadeu piorou depois da morte do irmão, porque sempre foi um garoto muito tímido, que não conseguia olhar diretamente no olho de ninguém.

Na segunda entrevista, o casal veio novamente atrasado, apesar do convite dos psicoterapeutas para que Tadeu fosse à sessão, eles não o levaram. Nesta sessão Lúcio revelou um segredo à mulher envolvendo a doença de Luiz. Segundo ele, o filho mais novo fora diagnosticado com câncer no momento de seu nascimento, contudo não compartilhou com a mulher esta informação, para que ela não sofresse. Guardou por oito anos o segredo da doença e Pilar mostrou-se ressentida por ter sido privada desta informação, impossibilitada de procurar algum tratamento para o filho.

Na terceira entrevista, o casal chegou ainda mais atrasado em comparação a sessão anterior, restando somente dez minutos de sessão. Na quarta entrevista, Pilar apareceu sozinha e alegou não saber o motivo da ausência do marido. Culpou-o pelos atrasos anteriores, pois ele sempre inventava de ir a um lugar antes de se dirigirem ao SPA. Foi pontuado que o comportamento resistente do marido mostrava-se dissonante ao seu constante comportamento participativo no *setting*. Pilar afirmou que o marido tinha duas caras, uma na rua e outra em casa. Revelou que o marido era alcoólatra e quando estava bêbado ficava violento com ela, cenas de agressão física e verbal que eram presenciadas por Tadeu.

Na quinta entrevista, Tadeu pela primeira vez compareceu, sendo acompanhado por seus pais. Mostrou-se um jovem muito retraído e com aparência de um adolescente muito mais novo do que sua real idade. Segundo ele, não sabia a razão de estarem no SPA, visto que os pais lhe explicaram que eles iriam participar de uma palestra sobre família.

Na sessão seguinte o ADF foi aplicado, havendo um clima de tensão familiar durante o atendimento. Conforme já foi mencionado, a devolução ocorreu em duas sessões posteriores à aplicação do ADF, nas quais se buscou trabalhar temas latentes que foram explicitados durante a produção dos desenhos e que mobilizaram intensamente a família. O luto mal elaborado, compartilhado por todos, e o peso das fantasias, que muitas vezes eram confundidas com a realidade, foram temas significativos para a família desejar investir em um tratamento psicoterapêutico com a esperança da melhora na integração familiar.

d) Descrição do sistema

O casal considerava sua história comum a todos os casais. Um ano após se conhecerem, eles decidiram morar juntos. O pai de Lúcio falecera cerca de oito meses antes desta união, era um homem que não ajudava muito a mulher com as questões da casa, sendo ela quem resolvia tudo. A idéia de morarem juntos, não agradava a mãe de Lúcio, pois com o falecimento do pai, ele passara a ser o provedor da família. Devido à desaprovação da família de Lúcio, eles fugiram e foram morar em um bairro distante. Por insistência de Pilar e da família dela, depois de quatro anos juntos, eles formalizaram a união, pois ela sentia-se como uma amante, mesmo depois do nascimento de Tadeu. Para Lúcio não havia necessidade da formalização, porque de acordo com ele, pretendia passar o resto de sua vida com a mulher.

Porém, o início da união foi conturbado. Lúcio queria continuar com o estilo de vida de uma pessoa solteira, saindo com os amigos e indo a bares, deixando Pilar sozinha em casa. Voltava bêbado e falando bobagens, agredindo-a física e verbalmente. Assim, o relacionamento deles ficou cada vez mais conturbado, gerando brigas e segredos. O casal não conversava em casa, e segundo Pilar, o marido a desprezava por ter uma escolaridade superior à dela. Na opinião de Pilar, Lúcio criou uma vida independente da vida familiar, não avisando para onde ia, nem quando voltava, sendo igual ao sogro falecido.

Tadeu ficava acordado esperando o pai voltar para casa, e quando via as agressões ficava nervoso, saindo de casa sem rumo. O filho tinha um bom relacionamento com o pai, pois este o ajudava a estudar, a perder o medo de sair de casa e até a olhar para as pessoas diretamente nos olhos. Tadeu só era agressivo com a mãe quando o pai não estava em casa, implicava com ela remexendo nas gavetas. Lúcio duvidava da mulher, somente acreditando nos fatos, quando via objetos quebrados dentro de casa.

A timidez profunda do filho foi explicada, pelos pais, com diferentes argumentos. Pilar achava que Tadeu era parecido com a família paterna, pois sua sogra também não olhava para ninguém enquanto falava. Lúcio discordava, alegando que seus irmãos se abraçavam e demonstravam carinho, ao contrário da família da mulher. Pilar realmente era mulher com dificuldades de demonstrar sua afetividade, não tinha o costume de beijar, nem abraçar o filho. Lúcio acusava a

mulher de não dar carinho a Tadeu e de tê-lo prendido demais em casa, afirmando que ela o mantinha sempre agarrado “*em baixo de sua saia*”. Em sua opinião, Tadeu era como se fosse duas pessoas, uma alegre que ouvia música e dançava, e outra silenciosa, pensativa e retraída.

Tadeu já tinha sido atendido em uma clínica psiquiátrica, onde recebeu o diagnóstico de esquizofrenia, o qual posteriormente foi reformulado pelo fato de ele ser menos comprometido emocionalmente do que os outros pacientes esquizofrênicos. Depois, passou por outra clínica, onde fora diagnosticado como portador de uma timidez profunda. Ele passava por estas avaliações, sem se incomodar ou questionar. Estes cuidados médicos tomavam um tempo significativo da vida de mãe e filho.

Constantemente, os pais ressaltavam a diferença entre a personalidade de Tadeu e de Luiz (o filho falecido). Este último era lembrado como muito diferente do irmão, pois tinha muitos amigos, era alegre e gostava de compartilhar seus brinquedos. O nascimento de Tadeu foi descrito como fato que mudou a vida do casal, pois eram jovens e Pilar teve que abandonar sua profissão para cuidar do filho. O segundo nascera muitos anos depois do primeiro, após várias tentativas fracassadas. Quando Pilar desistiu, por já ter mais de quarenta anos, acabou engravidando. A criação de Luiz fora diferente, porque não admitia mais interferências, nem conselhos da família.

Luiz, ao nascer, precisou ficar na incubadora durante alguns dias, porque era muito pequeno e frágil. A partir da versão de Lúcio, os médicos lhe informaram que o bebê estava doente (com “câncer”) e por isso eles não iriam ficar juntos por algum tempo. O pai recebeu a notícia com desespero, não sabendo qual decisão deveria tomar. Preferiu não contar para a mulher, por vê-la muito nervosa diante da hospitalização de Luiz, e assim a preservava de sofrer ainda mais. Com o tempo, Luiz foi se fortalecendo, ganhando peso, e os sintomas foram desaparecendo. Tornara-se um menino gordo, robusto, vivo e brincalhão, sendo admirado por todos. Por sua vez, Lúcio pensou que o médico tinha se equivocado no diagnóstico, e até se esqueceu da doença do filho.

No entanto, durante os quatro anos de vida de Luiz, parecia que os pais compartilhavam inconscientemente uma excessiva proteção. Pilar deixava o filho dormir com ela todas as noites, porque não queria afastar-se dele, para irritação de Lúcio. Este achava que os irmãos deveriam dormir juntos, porque se algo

acontecesse a um, o outro irmão estaria lá para apoiá-lo. No entanto, Lúcio nunca havia comprado uma cama para Luiz, não preparando o quarto de Tadeu para também ser o de Luiz.

Quando a doença se manifestou, Luiz estava com quatro anos de idade, e rapidamente ficou muito debilitado. Inicialmente procurou um hospital devido à grave anemia do filho, havendo necessidade de transferi-lo quando foi diagnosticado com câncer. No segundo hospital, explicaram a gravidade da doença de Luiz, onde ficou internado durante três meses, voltando dias depois de receber alta. Durante a internação, Pilar não se sentiu apoiada pelo marido, que pouco visitava Luiz. Quando o fazia, era por um tempo muito curto, criando motivos para brigarem e ele ir embora. Lúcio passou a beber mais com a morte do filho na tentativa de esquecer sua dor. Considerava um peso ter se calado, por tanto tempo, para preservar a mulher.

e) ADF

Os membros da família quase não se falaram durante a técnica, também raramente comentaram e olharam para os desenhos uns dos outros. Tadeu, o paciente identificado, geralmente era o primeiro a iniciar a tarefa e o último a acabar. Enquanto a mãe era sempre a primeira finalizar seus gráficos. Os desenhos de Tadeu foram produzidos com traços intensos, coloridos e expressivos. Os desenhos de Pilar e de Lúcio tinham traços fracos e monocromáticos, além de apresentarem uma temática estereotipada, com pouca capacidade afetiva e criativa.

Pilar foi quem demonstrou maior resistência, dizendo que não sabia desenhar e que não faria nada. Também, foi a primeira a escolher o lugar que ocuparia, em seguida, Lúcio escolheu desenhar distante de Pilar, fazendo com que Tadeu ficasse sem opção de escolha. *“Você não tem opção. Vai ficar com o do meio”*. No entanto, ao se direcionarem para suas respectivas folhas, Tadeu correu para o lugar desejado pelo pai (longe da mãe), quem aceitou comentando: *“ué... mas, você não tinha escolhido o do meio?”*.

Com exceção do último desenho, os demais trabalhos gráficos de Pilar foram monocromáticos, empobrecidos de criatividade e de afetividade. Os desenhos de Lúcio, de modo geral, foram estereotipados, monocromáticos e pouco inteligíveis, apresentaram pouca capacidade criativa. Contudo, seus desenhos foram significantes em suas mensagens latentes, denunciando o conflito de Lúcio

que ao mesmo tempo buscava se expressar, mas tinha uma imensa dificuldade em fazê-lo, e quando o fazia era com agressividade. Os desenhos de Tadeu, ao contrário dos pais, foram expressivos, coloridos, com traços fortes e intensos.

- Primeiro *Desenho livre*

Pilar desenhou, “Minha casa”, uma casa sem muitos detalhes, apenas com uma pequena porta em seu canto direito, embaixo da qual havia uma escada. O trabalho de Lúcio foi intitulado de “União”, o qual correspondia a uma cena de refeição, onde pessoas com estrutura corporal desintegrada e pouco desenvolvida apareciam em volta de uma mesa comendo. Disse gostar muito de reunir a família, pois fora criado desta forma. Ao ser questionado sobre a identificação da quarta pessoa presente na “união”, afirmou que era qualquer outro membro de sua família, “*que é maior, do que apenas nós três aqui na sessão*”. Tadeu fez a bandeira do Brasil, incluindo as palavras “ordem e progresso”, denominando-o de “Brasil”. A bandeira possui um mastro do lado esquerdo e está centralizada na metade superior da folha.

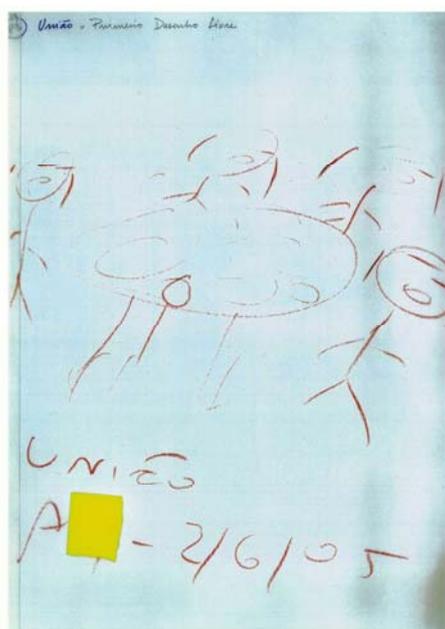


Figura 23 - Primeiro *Desenho livre*: Lúcio



Figura 24 - Primeiro *Desenho livre*: Pilar

- *Retrato da família*

Pilar no retratou os três membros da família nuclear. Ela desenhou o casal próximo e o filho Tadeu de mãos dadas com o pai. A estrutura corporal do marido era a menor, sendo a dela a maior dos três. No rosto de todos chamou atenção a falta da boca, local de expressão e da fala. Lúcio denominou seu trabalho de “Individualidade”, no qual representou seu filho no meio do casal. Desenvolveu seu próprio rosto num formato diferente dos demais, que se apresentava disforme, lembrando algo sem consistência. Comentou sobre o título dado, justificando-o pelo fato de acreditar que todos da família possuem uma maneira única e individual de ser, e que apesar das diferenças ainda eram membros da mesma família.

Tadeu, nesta tarefa, representou apenas os avós paternos com estrutura corporal completa e cores intensas. No entanto, chamou atenção o rosto do avô que lembrava alguém raivoso, assim como, o rosto da avó, cuja expressão estava encoberta por fortes rabiscos. Entretanto, Lúcio enfatizou que o filho devia estar se confundindo, porque ele não conhecera o avô (quem morreu um pouco antes do casal morar junto). Com avó paterna, ele era próximo, posto que ela os visitava constantemente, e conversava com o neto sobre a família.

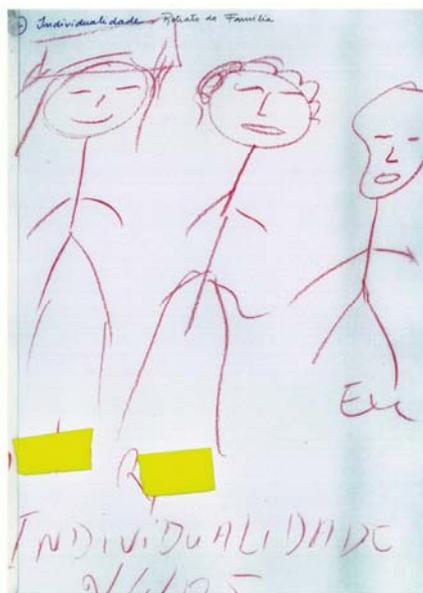


Figura 25 - *Retrato da família*: Lúcio



Figura 26 - *Retrato da família*: Tadeu

- *Família abstrata*

Pilar apresentou muita resistência, demonstrando claramente sua pouca motivação para começar esta tarefa. Representou-se como um coração, o marido como uma pipa, porque, segundo ela, ele gostava de se soltar igual a uma pipa. Ressaltou que a pipa também parecia um balão que vai e vem. O filho foi representado por uma bola, cujo centro parece haver um buraco. Lúcio representou sua mulher como um ser estranho, parecendo um réptil. Explicou que era um camaleão, não porque era um bicho que se transformava, mas por possuir características de tranquilidade, quietude e capacidade de observação. Representou seu filho e a si mesmo como uma árvore, porém cada um foi criado num formato diferente, ressaltando a diferença entre eles. Afirmou que o filho era mais jovem e se movimentava mais com o vento, ao contrário dele, que era mais sólido e velho.

Tadeu, em sua produção, escreveu o título “Nascimento de um menino”, desenhando um homem barbudo, expressivo e de braços abertos em cima de um morro. Disse que era o Cristo Redentor, porque tinha nascido na cidade do Rio de Janeiro. Ao lado do Cristo colocou uma seta que apontava para a palavra “viveu”, simbolizando a dualidade de vida e morte presente nas fantasias da família. Tadeu esclareceu que seu desenho representava todos os membros familiares, porque todos eram cariocas. Afirmou que o Cristo representava tudo concentrado: “É um sentimento muito grande”.



Figura 27 - *Família abstrata*: Lúcio



Figura 28 - *Família abstrata*: Tadeu

- *Rabisco individual*

Pilar disse ter desenhado uma árvore, denominando o desenho de “Coqueiro”. No entanto, o gráfico não corresponde com a descrição dela, pois no meio há um risco que divide a maior parte da folha, e em cima desenhou um emaranhado de riscos, lembrando algo nebuloso.

Este foi o desenho mais enigmático de Lúcio, o qual para ser descrito teve que ser adaptado, pois poderia revelar a identidade da família. Todavia, a descrição do mesmo não poderia ser ocultada, devido a sua significativa mensagem oculta, pertinente para o trabalho dos conteúdos latentes compartilhados. A riqueza do desenho está em sua configuração, de modo o conteúdo desenhado ao ser incluído no meio do título, formando o nome do filho morto, que recebeu o nome fictício de Luiz. Fazendo uma adaptação explicativa, seria como se o pai tivesse intitulado sua criação de “Luz” e tivesse desenhado vários raios de luz paralelos na vertical, configurando a vogal “I”, que ao ser acrescentada entre a vogal “u” e a consoante “z” formaria o nome do filho em questão. Este jogo na configuração do gráfico, do qual originava o nome do filho falecido, representava o luto mal elaborado da morte do filho.

O *Rabisco individual* de Tadeu é confuso, possivelmente representando seus traços psicóticos. Declarou ter desenhado uma viagem no mar, estando ele, seu pai e sua mãe em um barco. Nota-se que ele se representou próximo ao pai no barco, colocando-se distante da mãe, assim como seu posicionamento no *setting* para fazer a atividade. Além disso, cada um foi representado num “compartimento separado”, apesar da proximidade havia uma parede que os separa. No título pode-se perceber, que novamente ele se auto-refere na terceira pessoa: “Família de Tadeu”.



Figura 29 - *Rabisco individual*: Tadeu



Figura 30 - *Rabisco individual*: Lúcio
(desenho adaptado)

- *Rabisco em conjunto*

Pilar escolheu seu próprio rabisco sem negociar com o marido e o filho. Lúcio aceitou a decisão da mulher, e procurou integrar Tadeu na produção conjunta, pois o filho tentava começar a desenhar sozinho em seu próprio rabisco. Ela desenhou um sol amarelo, novamente sem dialogar, e Tadeu complementou com raios na cor preta. Lúcio, com um lápis azul, começou a rabiscar em volta do sol energicamente, criando um olho e uma boca no final. Pilar reclamou com o marido, dizendo que ele estava bagunçando todo o desenho: “*Nunca vi sol com olho e boca*”. Depois Lúcio questionou qual era a opinião do filho em relação ao desenho, e este lhe disse que era um sol com uma nuvem: “*É o amanhecer*”.

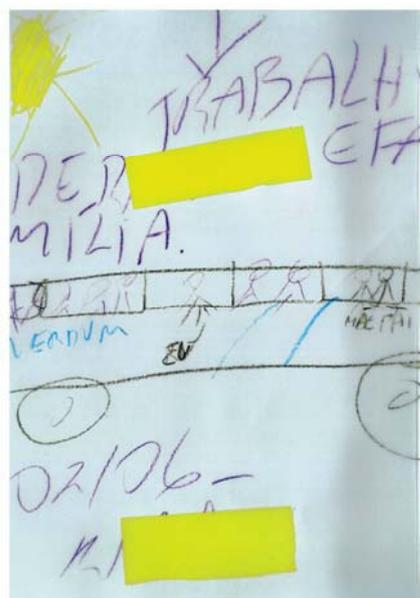


Figura 31 - *Rabisco em conjunto*

- Segundo *Desenho livre*

Este foi o trabalho mais colorido e detalhado de Pilar, denominado “Jardim” e diferentemente do primeiro, neste havia um chão que dava base as várias flores. Lúcio em seu último desenho criou o rosto da mulher em amarelo, com traços descontínuos e com pouca afetividade. Neste trabalho, chamou atenção a impessoalidade para representá-la.

O último desenho de Tadeu foi chamado de “Trabalho de Tadeu e Família”, parecendo aludir ao trabalho na psicoterapia de família. Desenhou um ônibus, que eles usavam para ir ao SPA. Representou seus pais juntos, estando entre ele e os pais duas pessoas desconhecidas, podendo-se pensar na possibilidade de serem os dois psicoterapeutas. Neste desenho pode-se observar uma integração entre eles, após todo o processo da técnica, e uma melhora na capacidade de expressão.

Figura 32 - Segundo *Desenho livre*: PilarFigura 33 - Segundo *Desenho livre*: Tadeu

f) Devolução

A sessão de devolução tinha como objetivo trabalhar, a partir dos desenhos do ADF, os conteúdos latentes que claramente emergiram ao longo das tarefas. A família discutiu suas questões, pensando sobre as produções de cada um. Os pontos discutidos mais significantes, nestas duas sessões, envolveram a morte do filho Luiz, os conflitos conjugais e a melhoria da qualidade de expressão afetiva entre eles.

Quando questionado por suas constantes alusões a presença/falta do filho morto, Lúcio comentou sobre seu sofrimento, “*sua amargura no coração*”. Ressaltou não gostar de falar do filho morto, e que havia pedido à mulher para retirar todas as fotos e objetos do menino que estavam na casa. Queria esquecer e seguir com sua vida. Porém, a lembrança ainda estava dentro dele e, freqüentemente, se percebia fazendo os mesmos gestos e manias de Luiz. Por sua vez, Pilar também não queria falar sobre a morte do filho, pois achava desnecessário voltar neste assunto. Acreditava que deviam “*colocar uma pedra por cima, para fechar a ferida*”.

Tadeu se apresentou mais participativo nestas duas sessões de devolução, rindo e olhando enquanto seus pais conversavam sobre as questões conjugais. Sugeriu que o pai tinha desenhado o irmão no desenho “*União*”. Também contou

histórias que tinha vivido com Luiz, lembrando que sempre estavam juntos, o acompanhava na brincadeira com os amigos e soltavam pipa: “*Mas, depois acabou*”.

Os psicoterapeutas pontuaram sobre a dificuldade deles para conversarem a respeito das várias perdas na família, não sabendo conviver com as frustrações e os sofrimentos. O efeito disto era se fecharem e se isolarem uns para com os outros. Perguntaram se Tadeu percebia uma correlação entre seus problemas de repetência na escola e de reclusão do mundo com a morte do irmão. Ele não respondeu verbalmente, apenas sorriu e ficou quieto. Lúcio associou que antes de Luiz morrer, o Tadeu ouvia música, desenhava e até escrevia letras de música. Tadeu falou que no início não sabia de nada da doença, até ele ir para o hospital, ficando lá até morrer. Os pais lembraram que ele fora visitar o irmão, porque perguntava muito por ele e insistia em vê-lo.

Quanto às questões conjugais, o que fora ressaltado era a falta de companheirismo e comunicação entre os dois. Pilar ressentia-se por sair sozinha sem a presença do marido, considerando-se uma “*viúva de marido vivo*”. Tadeu comentou que ficava dando apoio a mãe após a morte do irmão, ajudando-a na organização da casa, afirmação que não foi reconhecida por Pilar, atitude que desqualificava a intenção do filho em ajudá-la.

No final do processo foi pontuado que a alegria e a força que existem em Tadeu deveriam ser incentivadas a aparecer. Não deveriam deixar que a morte de Luiz levasse as alegrias dele, nem as da família. Foi percebido um grande investimento do grupo na busca de um fortalecimento dos vínculos. Nestas duas sessões eles chegaram no horário e aparentavam se sentirem mais confortáveis no *setting*.

5.4.

Análise e discussão geral

Entende-se que seja necessário retomar o objetivo geral para haver uma estruturação na discussão, e clarificar o direcionamento das análises. Portanto, como já foi mencionada, a finalidade da investigação era estudar o período de entrevistas preliminares com famílias, focando na avaliação sobre as motivações

familiares para pedir ajuda, assim como nas implicações da construção da demanda compartilhada e sua influência na adesão familiar ao tratamento.

O primeiro ponto é o entendimento do diagnóstico (Arzeno, 1995) como uma avaliação da dinâmica familiar, dos processos intersubjetivos, mas, principalmente, como uma avaliação para além das queixas e do discurso manifesto do grupo. Esta é a perspectiva que o estudo procurou ressaltar, discutindo como nas entrevistas com a família se faz urgente avaliar quem está sofrendo, e como o relacional, ao ser determinado por mecanismos intersubjetivos não promotores de saúde, precisa ser trabalhado para que o sofrimento individual possa advir e ser elaborado. Assim, a transformação do sujeito não se constitui como uma ameaça a família. Considerando o discurso manifesto encontrado nos três casos descritos, pode-se pensar como o diagnóstico para além da queixa inicial foi determinante para uma retificação no posicionamento do grupo, diante de seus conflitos.

Na *Família Segredo*, como foi relatada, a queixa estava centrada em um segredo, que em princípio o casal dizia querer revelá-lo. No entanto, ao longo das entrevistas, observou-se que o não-dito sobre a filiação de Pedro Filho acobertava outras incógnitas e conflitos que faziam parte da organização do “si” familiar. Inconscientemente o grande segredo, impossível de ser revelado, sinalizava a fragilidade do vínculo conjugal, cuja estruturação era inundada por sentimentos de desamparo (Pedro órfão e vivendo muitos anos de sua vida em um orfanato; Helena preterida por sua mãe, algo que a fazia sentir seu lugar simbólico ameaçado em sua família de origem). Omissões (traições e verdades) e muita ambivalência (Helena em relação ao tratamento diferenciado entre Pedro Filho e Renato, pois alegou não os tratar *sempre* de forma diferente. O pai queria revelar o segredo, mas não “revelava” seus conteúdos internos no Arte-Diagnóstico Familiar), apareciam como defesas e resistências em se deparar com o desamparo e o esvaziamento afetivo.

Considerando os aspectos mencionados, o pedido de ajuda exclusivamente focado na revelação da origem de Pedro Filho, não poderia ser cumprido, posto que a afetividade no grupo era tão frágil e difusa (muito bem representada nos desenhos de Pedro Filho sobre “O menino maluquinho do espaço”, o qual parecia um fantasma, e “Os super-molengas”). Isto favorecia para a sensação compartilhada de uma iminente ruptura dos laços afetivos. O investimento libidinal

dirigia-se para a manutenção do padrão de inclusão-exclusão, e não ao fortalecimento dos laços. Acabar com o segredo era acabar com a identidade que eles conheciam, e isto seria vivenciado pelo grupo como um “colapso” do “si” familiar, tal qual o “Furacão Catrina” representado por Daniel no *Rabisco individual*.

Ir além do manifesto era deparar com o desamparo e o com temor provocado pela vivência conjunta de uma fragilidade afetiva. Ou seja, usando o último *Desenho livre* de Daniel como metáfora, “Eu tenho um dente só”, para esta família se responsabilizar pelos buracos de sua história era ter que se defrontar com a realidade dura do dente solitário (desamparado) em uma arcada dentária vazia (não podendo contar afetivamente com o conjunto).

A construção da demanda familiar compartilhada simbolizando um posicionamento participante do grupo na manutenção dos conflitos, foi “excluída” pela *Família Segredo*, talvez pela impossibilidade de assumir a realidade psíquica, e assim poder modificá-la. Mesmo com os psicoterapeutas procurando destacar o investimento afetivo presente no grupo (ex: Helena, a “Mãe coruja”, com o filho adotivo; a relação fraterna entre os três irmãos muito intensa e amorosa), ele era denegado pelo conjunto.

Eram denegados por quê? Seria uma tentativa de recusar os afetos agressivos? Pois, ao dar voz para os afetos amorosos, se dá voz também a sua outra faceta: o ódio, o qual para este grupo era sentido como muito destrutivo, em uma interfantasmatização onipotente. A “pipa”/estrutura família (desenho intitulado de “Pipa mágica” no *Rabisco em conjunto*), para manter o senso de existir precisava dos aspectos onipotentes e ilusionistas da arte da mágica.

A formulação de Eigner (1995) sobre a transferência para o enquadre, relacionando-a às transgressões da família para com o contrato como representantes das falhas de investimento afetivo, permite entender o comportamento de Pedro e de Helena na primeira entrevista. Pedro queria ser atendido deixando a mulher e os filhos aguardando na sala de espera, e na sessão de devolução foi Helena quem se colocou “de fora” com o consentimento do marido. Entende-se este comportamento complementar do casal como um ataque ao enquadre, um ataque à vinculação e também à construção de uma nova aliança (com os psicoterapeutas). Sendo assim, representa em certa medida uma possível

falha no aparelho psíquico, desta família, em sua função de continente dos impulsos.

Como Lemaire (2007) ressaltou a disfuncionalidade aparece na vivência familiar quando ocorrem falhas nas funções do aparelho psíquico. Estas últimas promovem um enrijecimento no “si” familiar, tendo em vista a incapacidade de poder transformá-lo a partir da criação de novos sentidos simbólicos. O segredo neste caso manteve-se como estabilizador da homeostase familiar, talvez pela ameaça de aniquilação do difuso sentimento de pertença e de afetividade amorosa. Ambos possivelmente tão frágeis como a linha que viabilizava a “Pipa mágica” de cumprir sua função de voar e de seguir seu curso.

A *Família enigma*, que procurou o SPA em busca de um atendimento psicopedagógico para Amanda, foi acolhida pela equipe de família, cujo trabalho de avaliação diagnóstica também procurou ir além da queixa manifesta. Na medida em que filha e mãe, falavam e eram questionadas sobre seu relacionamento e os conflitos familiares, construía-se um olhar profundo sobre o sofrimento grupal instalado.

Pode-se pensar que a demanda familiar compartilhada circundava entorno da impossibilidade dos membros se individualizarem e de construir uma vida própria, ao mesmo tempo em que, também, pertenciam a um grupo. Já na primeira entrevista, Fernanda menciona a dificuldade da filha em aceitar a morte de um tio. Ela sente-se culpada, pois em sua fantasia acredita ter influenciado a filha com suas palavras: “*Nasce, cresce e morre*”. Talvez para esta mãe o crescer e se individualizar fossem vivenciados como uma morte, não havendo possibilidade de se viver separado.

Percebe-se que esta questão percorre a *Família enigma* como um mito centrado na impossibilidade de haver “enigmas” pertencentes à singularidade do sujeito e que são incompartilháveis. Um exemplo para o entendimento desta análise foi o contrato verbal conjugal, estabelecido por Fernanda e Celso, no qual ambos deveriam falar um para o outro quando desejassem ter relações extraconjugais. Parece que este tipo de acordo onipotente, tem como intenção defender-se do imprevisível, do incontrolável, do enigma do outro diferente de mim. O crescimento dos filhos e a vida íntima de todo sujeito é algo incontrolável, mas são encarados paradoxalmente, nesta família, tanto como uma ameaça, quanto algo necessário.

Lemaire (2007) atribui a este funcionamento paradoxal, uma tentativa de alívio para a angústia de separação, pois a possibilidade de elaboração simbólica dos conflitos seria dar início ao processo de diferenciação. O enigma vira um sintoma, sendo a possibilidade encontrada na busca para uma autonomia. Celso, por exemplo, representa em seus desenhos estas questões referentes à autonomia, ficando como um coadjuvante na função parental (assim, como seu pequeno barco na imensidão da montanha e do mar), devido ao autoritarismo subliminar da mulher que interfere em suas criações e sonhos individuais. Amanda incorpora este enigma claramente em seus desenhos, mantendo um discurso provocativo e cheio de mistério.

O padrão interacional na *Família Enigma* é marcado pela complementaridade, tendo como característica a presença de comportamentos dialéticos (manipulação-submissão/controle-segregação), apesar de no discurso somente alegarem o padrão simétrico.

Fernanda é uma mulher que deseja “ordem” (*Rabisco individual*), e se mostra indefesa diante do “progresso” dos filhos, pois em seu “Mundo” interno só é possível existir na dependência. Celso inconscientemente compartilha isto ao representar a família como uma folha, cujas subdivisões são quase indistinguíveis do todo. Como foi mencionado no capítulo 2, Kaës (1997) diferencia tipos de posicionamento do sujeito diante do grupo. O primeiro é “sujeito no grupo”, cujo arranjo psíquico singular fica subjugado à ordem do inconsciente e à ordem da realidade externa. O segundo é o “sujeito do grupo” que forma sua identidade internalizando o grupo externo, renunciando por vezes sua singularidade.

Na *Família Enigma*, Amanda tenta singularizar-se exacerbando seus mistérios, e algumas vezes dizendo não saber quem é. Talvez, por estar posicionada como o “sujeito do grupo” e representar metaforicamente a realidade grupal (Kaës, 2005), cuja lógica impede a singularização para manter o jogo fusional. Como no seu desenho da *Família abstrata*, no qual se representa como a sobreposição entre o sol, a lua e uma estrela quase indistinguíveis em sua forma individual.

Neste grupo familiar identifica-se em certa medida, a afirmação de Almeida-Prado (1999) sobre a interferência disfuncional do enrijecimento dos mitos no processo de separação-individuação. A partir disso, considera-se adequada a indicação da psicoterapia de família, cuja demanda foi construída pela

família na medida em que vivenciavam e discutiam seus conflitos latentes, tirando a máscara (desenho *Rabisco individual* de Hugo) em seus diferentes níveis.

Observa-se que a construção da demanda familiar compartilhada pode ocorrer a partir da escuta e da investigação para além do manifesto num trabalho intersubjetivo, no qual todos percebiam e denunciavam as questões referentes ao conjunto. Assim, como descrito Neuburger (1988) houve um espaço onde a vida interpessoal foi encenada, favorecendo com que todos fossem, simultaneamente, participantes e testemunhas do funcionamento conjunto. O período de entrevista foi uma oportunidade de expressarem o quanto o lar deles (*Rabisco conjunto*, no qual criam o desenho “Nosso lar”), apesar de muito colorido de afeto, precisava ser mais delimitado (autonomia) e ter os traços mais bem definidos (singularidade).

Ao expressarem todas estas questões no “aqui e agora”, por meio do intercâmbio de associações de pensamentos, cria-se uma mobilização conjunta que favorece a transformação da passagem ao ato, para a simbolização do sentimento de co-responsabilidade. No entanto, se atribui a efetivação desta mobilização transformadora a dois aspectos presentes na estrutura familiar deste caso. O primeiro seria a preservação da função do aparelho psíquico compartilhado de conter a agressividade, apesar de nitidamente existente (percebida nas relações de pai e filho; entre os próprios irmãos, ilustrada no fato da atitude de Hugo ao enforçar Amanda). O segundo aspecto seria que a manifestação de afetos amorosos não era aniquilada pela agressividade, o que favorecida para a sensação inconsciente de que os vínculos sobreviveriam aos “ataques” dos conflitos entre eles.

O desenvolvimento do ADF ilustrou este movimento do grupo, posto que ao longo das criações foi possível expressar vida, afeto e carinho, assim como a agressividade, mas todos puderam “sobreviver” e podendo no último desenho livre manifestar suas dificuldades individuais. Como por exemplo, Amanda que desenhou um círculo, no qual seus quadrantes delimitados apresentavam uma singularidade representada pelas cores diferentes (conjunto-singularização); Hugo que verbalmente dizia ser tranquilão, contrapondo ao desenho que simbolizava o medo de crescer apresentado na expressão do “menino”; enquanto Fernanda, ao desenhar “Minha casa” pôde representar de sua pobreza interna, tendo que controlar tudo e todos para sua “casa” não desmoronar; e por fim, Celso que apesar

de afetuoso era um homem passivo, sem vida (“coração preto”) diante das adversidades.

A *Família em luto*, ao contrário dos casos anteriores, procurou diretamente uma equipe de família no SPA, pois fora indicada pela psicopedagoga do colégio de Tadeu. Contudo as queixas manifestas eram direcionadas ao comportamento agressivo do filho e seus problemas mentais. No curso das entrevistas, questões conjugais foram vistas e ditas, como por exemplo, o segredo mantido por Lúcio sobre a doença de Luiz, logo ao nascer.

Este não-dito ficara encapsulado deste então, repercutindo na impossibilidade da família para vivenciar o luto de sua morte. Poder metabolizá-la seria desenterrar os segredos, as mentiras, e a fragilidade emocional diante das frustrações e das perdas, pois naquilo que *feria*, parafraseando Pilar, “deveria ser colocado uma pedra por cima”. Contudo, se a ferida não for tratada poderá originar uma infecção, e era esta infecção que estava para além da queixa manifesta, sendo o elo em comum que motivava a todos à construírem a demanda familiar conjunta.

A falta de elaboração do luto de Luiz aparecia como um assunto recorrente nas entrevistas, e os dados dos desenhos convergiam para esta temática. A compreensão do luto como demanda familiar, tem como embasamento a afirmação de Arzeno (1995) a respeito de um diagnóstico consistir na investigação das recorrências e das convergências presente no caso. Dados referentes à morte de Luiz na família foram encontrados no material gráfico, como no Primeiro *Desenho livre* de Lúcio, no qual há um quarto membro não nomeado na mesa de jantar e em seu *Rabisco individual* no qual se pode ler o nome do filho morto a partir da *gestalt* do gráfico.

Tadeu, de modo metonímico (Kaës, 2005), era colocado no lugar todo, era ele em seus *actings outs* que manifestava a raiva (ao jogar os móveis pela janela), remexia nos conteúdos engavetados pertencentes ao sistema (abria as gavetas quando o pai não estava em casa, quem sabe na tentativa de achar explicações para a doença do irmão e para as outras perdas, como a morte do avô paterno – desenhado no *Retrato da Família* – que ao falecer propiciou o casamento “fugido” dos pais). Sentimentos que deveriam circular entre todos do grupo encontravam voz em Tadeu, que de certa forma se via como o Cristo desenhado na *Família Abstrata*. O Cristo simbolizava Tadeu e a representação metonímica da *Família em Luto*. Porém, não se deve esquecer a ênfase dada por Kaës (2005) a respeito da

função do paciente identificado estar correlacionada a sua própria patologia individual.

É possível afirmar que os desenhos foram uma tentativa de realização de desejo, como bem formulou Arzeno (1995) ao comparar a criação do gráfico com a criação do sonho. A *Família em luto* estaria recorrendo a uma tentativa de realização disfarçada de expressar a morte, de poder falar sobre a dor e o sofrimento. No *Rabisco em conjunto*, Lúcio desenha no sol de Pilar uma boca e olhos, mesmo com a reclamação da mulher, coloca o canal de fala e de visão no sol. Metaforicamente, associa-se Pilar a este sol, que não falava e nem via, retroalimentando a atitude do marido em não contar a verdade sobre Luiz. Talvez ela também não desejasse ver, nem falar, para não “bagunçar o desenho” (o equilíbrio familiar, o seu equilíbrio interno). Poder contemplar, elaborar e expressar as feridas seria a oportunidade, como disse Tadeu, de “amanhecer”, ou seja, desta família “morta viva” poder renascer, porque quem vive sente dor e se fere.

Após a análise de cada caso, articulando-os a pontos cruciais destacados na fundamentação teórica. Observa-se que nos dois últimos casos (a *Família Enigma* e a *Família em luto*) a agressividade presente na dinâmica familiar não era sentida como destrutiva do “si” familiar. Possivelmente, a preservação mínima das funções do aparelho psíquico familiar (Ruffiot, 1981) assegurava o sentimento de continuidade da família e a continência de suas manifestações afetivas.

Quanto se procura entender a desistência da *Família segredo* em aderir à psicoterapia familiar, muitas variáveis podem ser enfatizadas. Todavia, chama atenção, especificamente, a impossibilidade do sistema para reconhecer a consistência dos afetos. Entendendo como afeto tanto em os aspectos amorosos, quanto os agressivos. Recordar-se que a agressividade não era suportada por eles, apresentada no silêncio referente ao desentendimento entre madrasta e Daniel, e na intolerância parental com relação às brigas naturais entre os irmãos. O afeto em suas duas facetas era denegado, restando o que para esta família continuar a se manter unida?

Em determinados momentos o uso de metáforas são funcionais para a representação de idéias. Considerando as devidas diferenças, mas também utilizando a imagem tão recorrente nos materiais do ADF dos casos em questão, compara-se o “si” familiar a uma casa. Quando uma casa precisa ser reformada, às

vezes necessita que paredes sejam derrubadas e quebradas para oferecer uma modernização, quase uma sensação de casa nova. Porém, algumas de suas partes precisam ser preservadas, como as vigas e as colunas, pois são elas que fazem manter em pé a estrutura.

Pretende-se com esta analogia pensar que a viga e as colunas do “si” familiar são os afetos. São eles que mantêm o sentimento de pertença, assegurando a sensação de continuidade de existência da família. Em outras palavras, apesar da reforma na casa, das transformações necessárias no grupo, é preciso manter os afetos, expressá-los, a fim de que algo da estrutura permaneça, viabilizando o sentimento de identidade familiar, para que diante de tantos conflitos existentes na vida intersubjetiva, possa haver uma “re-forma” menos ameaçadora.